



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Mestrado Integrado em *Teologia* (1.º grau Canónico)**

**PEDRO RIBEIRO GONÇALVES**

**EVANGELII GAUDIUM: DESAFIO AO PENSAMENTO  
CRISTÃO E FRANCISCANO**

*A Igreja pobre para os pobres como uma Igreja em saída  
para as periferias existenciais.*

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professora Doutora **Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga**  
**2018**

*“ (...) Parecia-me muito amargo dar com os olhos nos leprosos; mas o Senhor, um dia, me conduziu ao meio deles e com eles usei de misericórdia. E ao afastar-me deles, o que antes me parecera amargo, converteu-se para mim em doçura de alma e de corpo (...) ”.*

**Testamento de S. Francisco de Assis**

INDICE	
RESUMO .....	3
SIGLÁRIO .....	5
INTRODUÇÃO .....	6
I. EVANGELII GAUDIUM: UMA IGREJA POBRE E PARA OS POBRES .....	8
1. <b>A Igreja dos pobres: Do Concílio Vaticano II ao Papa Francisco</b> .....	8
2. <b>Francisco de Roma e uma Igreja pobre para os pobres</b> .....	15
II. EVANGELII GAUDIUM: “A IGREJA EM SAÍDA” .....	22
1. <b>A Igreja pobre como uma Igreja em saída</b> .....	22
2. <b>As periferias existenciais como centro do Evangelho cristão</b> .....	26
III. EVANGELII GAUDIUM: DESAFIO AO PENSAMENTO FRANCISCANO .....	33
1. <b>Francisco de Assis e a pobreza franciscana</b> .....	34
2. <b>O desafio da renovação evangélica</b> .....	39
CONCLUSÃO .....	45
BIBLIOGRAFIA .....	46

## RESUMO

A preocupação com os pobres não é algo novo na vida da Igreja, mas ela adquiriu com o Concílio Vaticano II e, sobretudo, com as conferências episcopais latino-americanas (e com a teologia da libertação), nova atualidade, novas dimensões e novas configurações, formuladas nos termos de “Igreja dos pobres” e/ou “opção pelos pobres”. A preocupação com os pobres sempre foi um aspecto importante na vida da Igreja. À luz do Evangelho, do Concílio Vaticano II até ao Papa Francisco com a sua Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o presente trabalho quer mostrar que no centro do Evangelho cristão sempre esteve, está e estará os pobres, os oprimidos, os marginalizados, as “periferias existenciais”. Esse cuidado e compromisso com os pobres, oprimidos e fracos deste mundo que está no centro das preocupações do Papa Francisco. Com ele, tudo isso ganha nova atualidade e adquire novas dimensões e proporções na medida em que põe no centro do seu ministério pastoral o desafio de uma “Igreja pobre para os pobres”, onde a Igreja é chamada a sair de si mesma para ir ao encontro das periferias existenciais. O Papa Francisco desde início do seu pontificado tem sido um desafio, não só para os cristãos em geral, mas também particularmente para os franciscanos. Com a escolha do nome “Francisco”, que remete para o *poverello* de Assis, indica um projeto de “não esquecer os pobres”. Perante os desafios atuais, os franciscanos são desafiados a ir até às periferias com a alegria do Evangelho. Esse ir “até às periferias com a alegria do Evangelho” expressa a decisão de fundo, que é a de sair de cada recinto que nos tem encerrado, para levar a Boa Nova àqueles que hoje dela necessitam mais do que nunca, com a alegria que nasce do Evangelho.

Palavras-chave: *Igreja pobre, Igreja em saída, Periferias existenciais, Opção preferencial pelos pobres, Alegria do Evangelho.*

## ABSTRACT

The concern for the poor is not something new in the life of the Church, but it has acquired with the Second Vatican Council and, above all, with Latin American episcopal conferences (and with liberation theology), newness, new dimensions and new configurations, formulated in terms of "Church of the poor" and / or "option for the poor". The concern for the poor has always been an important aspect of the life of the Church. In the light of the Gospel, from the Second Vatican Council to Pope Francis with his Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, the present work wants to show that the center of the Christian Gospel has always been, is and will be the poor, the oppressed, the marginalized, the "existential peripheries". This care and commitment to the poor, oppressed and weak of this world that is at the center of the concerns of Pope Francis. With it, all of this gains new relevance and acquires new dimensions and proportions in that it puts at the center of his pastoral ministry the challenge of a "poor Church for the poor", where the Church is called to leave itself to go to encounter of the existential peripheries. Pope Francis from the beginning of his pontificate has been a challenge, not only for Christians in general, but particularly for the Franciscans. By choosing the name "Francisco", which refers to the *poverello* of Assisi, it indicates a project of "not forgetting the poor". Faced with the current challenges, the Franciscans are challenged to go to the outskirts with the joy of the Gospel. This "going to the periphery with the joy of the Gospel" expresses the fundamental decision, which is to leave each room that has closed us, to bring the Good News to those who today need it more than ever, with the joy that born of the Gospel.

Keywords: *Poor Church, Outgoing Church, Existential peripheries, Preferential option for the poor, Joy of the Gospel.*

## SIGLÁRIO

- AA** Paulo VI, Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos (18 de Novembro de 1965)
- AT** *Antigo Testamento*
- CDSI** Pontifício Conselho «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2 de Abril de 2004)
- DA** CELAM, V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe *Documento da Aparecida* (13-31 de Maio de 2007)
- DCE** Bento XVI, Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de Dezembro de 2005)
- EG** Francisco, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de Novembro de 2013)
- EN** Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro 1975)
- GE** Francisco, Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* (19 de Março de 2018)
- GS** Conc. Ecum. Vaticano II Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes* (7 de Dezembro de 1965)
- PF** Bento XVI, Carta apostólica sob forma de Motu Proprio *Porta Fidei* (11 de Outubro de 2011)
- SRS** João Paulo II, *Sollicitudo Rei Socialis* (5 de Dezembro 1987)
- T** *Testamento de São Francisco de Assis* (1226)

## INTRODUÇÃO

A preocupação com os pobres não é algo de novo na vida da Igreja, mas ela adquiriu com o Concílio Vaticano II e, sobretudo, com as conferências episcopais latino-americanas (e com a teologia da libertação), nova atualidade, novas dimensões e novas configurações, formuladas nos termos de “Igreja dos pobres” e/ou “opção pelos pobres”. Essa preocupação foi sempre um aspecto importante na vida da Igreja. À luz do Evangelho, do Concílio Vaticano II até ao Papa Francisco com a sua Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o presente trabalho quer mostrar que no centro do Evangelho cristão sempre esteve, está e estará os pobres, os oprimidos, os marginalizados, as “periferias existenciais”. Esse cuidado e compromisso com os pobres, oprimidos e fracos deste mundo que está no centro das preocupações do Papa Francisco. Com ele, tudo isso ganha nova atualidade e adquire novas dimensões e proporções na medida em que põe no centro do seu ministério pastoral o desafio de uma “Igreja pobre para os pobres”, onde a Igreja é chamada a sair de si mesma para ir ao encontro das periferias existenciais. Papa Francisco desde início do seu pontificado tem sido um desafio, não só para os cristãos em geral, mas também particularmente para os franciscanos. Com a escolha do nome “Francisco”, que remete para o *poverello* de Assis, indica um projeto de “não esquecer os pobres”. Perante os desafios atuais, os franciscanos são desafiados a ir até às periferias com a alegria do Evangelho. Esse ir “até às periferias com a alegria do Evangelho” expressa a decisão de fundo, que é a de sair de cada recinto que nos tem encerrado, para levar a Boa Nova àqueles que hoje dela necessitam mais do que nunca, com a alegria que nasce do Evangelho.

O trabalho organiza-se em três capítulos interligados nos quais se desdobra o tema da pobreza, dos pobres, dos marginalizados, aqueles que o Papa Francisco chama de “periferias existenciais”. O primeiro capítulo tem como título *A Igreja pobre para os pobres*, inspirado nas palavras do Papa S. João XXIII, quer mostrar como a preocupação para com os pobres

esteve sempre presente na história humana. A partir do Concílio Vaticano II, a preocupação com os pobres ganha outro relevo quando o Papa S. João XXIII pronunciou que a Igreja devia ser “a Igreja dos pobres”. Embora não tenha muitos escritos sobre o tema mas foram ricas as intervenções no decorrer do Concílio. O Papa Francisco retoma essa problemática e apresenta várias propostas com a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Dentro de suas propostas destaca-se a importância que dá à dimensão da fé, concretamente da primazia dos pobres como elemento fundamental da evangelização; o segundo capítulo tem como título *A Igreja em saída*. O Papa fez o seu apelo à uma Igreja presente nas periferias da sociedade atual onde a “Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias não somente geográficas, mas aquelas existenciais - do mistério do pecado, da dor da injustiça, da ignorância, da falta de fé, do pensamento, de todas as formas de miséria” em que a única via de uma Igreja em saída é o Evangelho. Até porque as “periferias existenciais” estão no centro do evangelho cristão; no terceiro capítulo com o título *Desafio ao pensamento franciscano*, pretende-se retomar aqueles que são desafios do Papa Francisco para a Igreja universal, particularmente, para nós, os franciscanos. Além de ir às “periferias existenciais” com a alegria do Evangelho, somos desafiados para uma renovação evangélica. A renovação evangélica da Igreja que propõe Papa Francisco é um verdadeiro desafio. É preciso dar impulsão a uma verdadeira renovação evangélica para não continuarmos a viver como expectadores de um estancamento infecundo da Igreja.

De facto, conforme o que está expresso na *Evangelii Gaudium*, para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica. E o “paradigma da Igreja em saída” exige não só um êxodo geográfico, mas também ideológico, cultural e histórico. Com efeito, só se sair das suas próprias seguranças é que a Igreja conseguirá recuperar a capacidade de discernir os novos tempos.

## **I. EVANGELII GAUDIUM: A IGREJA POBRE PARA OS POBRES**

A preocupação com os pobres foi sempre um aspeto importante na vida da Igreja. Faz parte da Tradição Cristã em que a Boa Nova do Reino de Deus tem em vista a busca da justiça para os pobres e oprimidos deste mundo. E esse cuidado e compromisso com os pobres, oprimidos e fracos deste mundo que está também no centro das preocupações do Papa Francisco. Com ele, tudo isso ganha nova atualidade e adquire novas dimensões e proporções na medida em que põe no centro do seu ministério pastoral o desafio de uma “Igreja pobre para os pobres”.

A sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) pretende ser um roteiro para a Igreja nesta nova etapa da evangelização que se inicia (cf. EG, 1). Dentro das suas propostas destaca-se a importância que dá à dimensão da fé, concretamente da primazia dos pobres como elemento fundamental da evangelização.

É bom retomar em linhas gerais a problemática da “Igreja dos pobres” no Concílio Vaticano II (e na Igreja latino-americana) e apresentar o modo como Francisco retoma e repropõe a problemática para toda a Igreja.

### **1. A Igreja dos Pobres: Do Concílio Vaticano II ao Papa Francisco**

É claro que a preocupação com os pobres não é algo de novo na vida da Igreja, mas ela adquiriu com o Concílio Vaticano II e, sobretudo, com as conferências episcopais latino-americanas (e com a mal entendida teologia da libertação), nova atualidade, novas dimensões e novas configurações, formuladas nos termos de “Igreja dos pobres” e/ou “opção pelos pobres”.

Quem primeiro usou a expressão “Igreja dos pobres” foi o Papa S. João XXIII, no dia 11 de Setembro de 1962 com essas palavras: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se e quer, realmente, ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres”.<sup>1</sup> O mistério de Cristo na pessoa dos pobres e a evangelização dos pobres é uma verdade “essencial e primordial” da Revelação. O “primado da evangelização dos pobres” é um “método autêntico” de anúncio do Evangelho, de restauração da unidade dos cristãos e de resposta às pessoas do nosso tempo. Segundo o Papa S. João XXIII, isso implicaria a transformação constante de toda a Igreja num estilo de vida e formas de atuar que reproduzam o seguimento de Cristo, luz do mundo, aspeto que supõe a conversão constante da Igreja na direção dos pobres, já que a Igreja há-de apresentar-se “como Igreja de todos” e de cada um, e “sobretudo”, ou “particularmente”, dos pobres.<sup>2</sup>

A II Conferência do Episcopado latino-americano e caribenho em Medellín foi um passo importante e decisivo para o projeto de uma *Igreja dos pobres*. Um dos temas que marcam o desenvolvimento de Medellín e a sua posterior influência no Continente, e na Igreja Universal, é a de *Opção pelos pobres* (Medellín, Doc. 14). Esta opção evangélica, desde sempre, havia debilitado por momentos na vida da Igreja. O Concílio Vaticano II (com intervenções exemplares do Papa S. João XXIII ou de Cardeal Lercaro sobre o tema) havia despertado novamente a consciência a esse respeito. Em Medellín cobra um vigor inusitado. Não se trata de optar pelos pobres para aumentar o seu número, mas sim, para com eles sair da pobreza, lutando contra a injustiça. A pobreza não é boa nem querida por Deus. A razão última de amar os pobres não é porque eles sejam melhores que os ricos, mas sim porque Deus, compassivo e amante da vida, não quer que seja tirada a vida aos mais débeis dos seus filhos. Medellín proclamou: “Queremos que a Igreja na América Latina seja evangelizadora dos pobres e solidária com eles, testemunho dos valores do Reino e humilde servidora de

---

<sup>1</sup> Mensagem radiofónica de Sua santidade João XXIII, um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II.

<sup>2</sup> Joan Planellas Barnosel, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 184-185.

todos os homens e mulheres do nosso povo” (Medellín, Doc. 14, nº. 8). Mais tarde a opção pelos pobres viria a ser caracterizada como “preferencial”, “evangélica”, “não exclusiva nem excludente”, com qualificativos que tratariam de precisar - e talvez de atenuar- o vigor inicial dos planos feitos em Medellín.<sup>3</sup>

É um esforço de repensar o acontecimento conciliar a partir da realidade da pobreza e injustiça que caracterizava a América Latina. A Igreja não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais. Uma Igreja pobre denuncia a carência injusta dos bens deste mundo e o pecado que a engendra (pobreza como carência), prega e vive a pobreza espiritual (atitude de abertura para Deus) e compromete-se ela mesma com a pobreza material (pobreza como compromisso). A *Opção preferencial pelos pobres* é uma opção claramente cristológica/teológica. O grande mérito e a grande contribuição de Medellín para a Igreja está em assumir de modo consequente, tanto do ponto de vista teológico, quanto do ponto de vista eclesial/pastoral, a centralidade dos pobres e oprimidos na história da salvação. Isto é, pôr no centro da vida e da missão da Igreja aquilo que está no centro da vida e da missão de Jesus Cristo, por mais escandaloso que isso seja. É dizer que a Igreja é de todos, mas, sobretudo, a Igreja dos pobres. A “opção preferencial pelos pobres” pertence ao coração mesmo do Evangelho de Cristo e a “Igreja dos pobres” é uma Igreja na qual os pobres estão no centro, uma Igreja que se faz a partir e em função dos pobres e que encontra neles o seu princípio de estruturação, organização e missão.<sup>4</sup>

O Concílio Vaticano II tem o seu papel preponderante em mostrar como conceber a “Igreja dos pobres para os pobres”, sendo tarefa de capital importância. E por isso, logo no próêmio da *Gaudium et Spes* (GS) começa por dizer que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos

---

<sup>3</sup> Cecilio de Lora, “Del Concilio a Medellín, hoy”, Mutirão de Revistas Latino-Americanas, vol. 9, n. 24 (2011): 1238-1239.

<sup>4</sup> Francisco de Aquino Júnior, “Uma Igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico-pastoral”, *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, v. 8, n. 3 (2016): 631-657.

aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1). A consideração da pobreza converte-se no ponto de partida de um princípio eclesiológico que nos ajuda a aprofundar aquilo que há-de ser, ou tornar-se, a própria realidade eclesial.

No decorrer do Concílio houve várias intervenções acerca da Igreja e a pobreza ou a Igreja dos pobres, principalmente do cardeal Suenens e do cardeal Montini.<sup>5</sup> Pediu que se investigasse mais a fundo a doutrina do esquema, especialmente as relações entre Cristo e a Igreja, propondo a elaboração de um texto que, precisamente por constituir o tema central, concordaria melhor com os fins do concílio. Nesse ponto, a intervenção do cardeal Lercaro foi particularmente notada. Insistia principalmente na necessidade de valorizar a doutrina evangélica da pobreza de Cristo na Igreja, de apresentá-la como sinal e o modo da presença e da virtude salvífica do Verbo Encarnado entre os homens; preconizava também que fosse reconhecido à evangelização dos pobres o lugar preponderante que lhe cabe.<sup>6</sup>

Sobre a pobreza na Igreja, o cardeal Lercaro dizia ainda que há que reconhecer e proclamar solenemente que não cumprimos suficientemente a nossa missão, não recebemos com espírito aberto o plano de Deus e as esperanças dos homens e das mulheres, se não pusermos como centro e alma do trabalho doutrinal e legislativo deste concílio o mistério de Cristo nos pobres e a sua evangelização. Tratava-se de um dever evidente, concreto, atual da nossa época, porque hoje mais do que nunca os pobres pareceram ser menos evangelizados e seus ânimos pareceram distantes e estranhos a respeito de Cristo e da Igreja, porque o espírito dos homens sente e perscruta com perguntas angustiantes, quase dramáticas, o mistério da

---

<sup>5</sup> Os debates foram muito vivos, e em algumas intervenções, estavam muito à frente da consciência conciliar comum. Nos debates sobre a pobreza teve muita importância o grupo denominado “Igreja dos pobres”, verdadeiro motor e alma do tema, ao sacudir as consciências de um bom número de Padres Conciliares sobre o tema da pobreza (cf. Joan Planellas Barnosel, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 187).

<sup>6</sup> Jacques Dupont, *A Igreja e a Pobreza*, in *A Igreja do Vaticano II*, ed. Vozes (Petrópolis, Rio de Janeiro: 1965), 420.

pobreza e a condição dos pobres, de todos os indivíduos, mas também os povos que vivem na miséria e que, apesar disso, tomam consciência pela primeira vez dos seus direitos; e porque a pobreza da maioria é ultrajada pelas imensas riquezas de uma minoria. A evangelização dos pobres devia ser não um dos temas do concílio, mas sim a questão central, até para a união dos cristãos. Era necessário dar prioridade à elaboração da doutrina evangélica da santa pobreza de Cristo e da Igreja e da dignidade eminente dos pobres enquanto “membros privilegiados da Igreja, porque o Verbo de Deus preferiu esconder a sua glória nestes membros até ao fim dos tempos”. Era necessário ter em conta na nova organização dos esquemas doutrinários e nos projetos para a reforma das instituições eclesíásticas e dos métodos da evangelização.<sup>7</sup>

Nos documentos do Concílio Vaticano II encontramos uma verdadeira interpelação sobre a Igreja e a pobreza. Além dos documentos da Igreja, com os debates e as intervenções, já referidas, não podemos esquecer, igualmente, o contributo pessoal dos dois grandes papas do Vaticano II. Por um lado, S. João XXIII a quem se deve, a expressão “Igreja dos pobres”, e por outro, Paulo VI, com a encíclica *Ecclesiam Suam* (n.º 30), quando afirma que a renovação da vida eclesíástica deve passar pelo espírito de pobreza.<sup>8</sup>

Numa análise semântica mais rigorosa dos documentos conciliares deparamos com várias referências acerca da pobreza, do pobre. De maneira explícita a palavra *pobre/pauper*, com as suas variantes *pauperem*, *pauperes*, *pauperibus*, *pauperiores*, *pauperiori*, *pauperioribus*, *pauperis*, *pauperum*, aparece citada 42 vezes; por outro lado, o substantivo abstrato *pobreza/paupertas*, com as suas variantes *paupertate*, *paupartatem*, *paupertatis*, aparece 21 vezes.<sup>9</sup> Com quatro notas marginais, em que se encontra o conceito, há um total de

---

<sup>7</sup> Cf. Gian Franco Svidercoschi, *Historia del Concilio*, col. Diálogos sobre el concilio, vol. 6, ed. Coclusa (Madrid), 179-180.

<sup>8</sup> Cf. Joan Planellas Barnosel, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 187.

<sup>9</sup> Cf. Philippe Delhay – Michel Guerret – Paul Tombeur, *Concilium Vaticanum II. Concordance, Index, Lists de fréquence, Tables comparatives*, Louvain: Université Catholique de Louvain 1974, 479-480; cf. ángel Torres

67 referências. Nos documentos do Vaticano II existem outras passagens que apontam para o tema, ainda que utilizando outros conceitos. Sobre a “Igreja pobre” em si existem escassas passagens mas, ao mesmo tempo, são sumamente significativas. É mencionada a passagem central da *Lumen Gentium* 8, a mais importante do Vaticano II sobre a Igreja e a pobreza. Nela, o Concílio sublinha, com determinação, o fundamento cristológico da pobreza de Cristo como pedra-de-toque para o desenvolvimento das ações da Igreja.<sup>10</sup>

Joan Planellas Barnosel, a partir das referências, diretas e indiretas, encontradas nos documentos conciliares, faz um possível balanço, em “três pontos, em que ressuma o legado irrevogável do Concílio Vaticano II sobre a pobreza e ‘A Igreja dos pobres e para os pobres’.

1) No campo da moral social, o ensinamento do Concílio Vaticano II sobre a pobreza representa um ponto de inflexão no que diz respeito à ampliação de horizontes, em relação às mediações da caridade,<sup>11</sup> afirmando a dimensão política da caridade que deve enfrentar não só os efeitos das injustiças e das desigualdades, mas também as suas causas. O Concílio Vaticano II denuncia, com uma clareza meridiana, o escândalo que implica o facto das nações ricas do planeta serem maioritariamente de tradição cristã (GS 88). Um outro ponto de inflexão é também perceptível ao falar-se da reta valorização do uso dos bens deste mundo, sublinhando que a ajuda aos pobres não se mede unicamente pelos bens supérfluos, mas inclusive pelos necessários, já que precisamente o que é supérfluo deve ser medido pelas necessidades dos outros (GS 69.88).

2) Espelhando claramente as páginas evangélicas, o Concílio Vaticano II incide fortemente no facto de que *se veja o próximo à imagem de Deus, segundo o qual foi criado* (AA 8), e que no pobre se encontra presente o próprio Cristo (Mt 25,40). O próximo sem

---

Calvo, *Pobres*, in: ID, Diccionario de los textos conciliares. Vaticano II, t. II, Madrid: Compañía Bibliográfica Española 1968, 1519-1522. (Citado a partir de Joan Planellas Barnosel, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 187).

<sup>10</sup> Cf. Joan Planellas Barnosel, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 187-188.

<sup>11</sup> Cf. Ramon Sala, *El mundo por los pobres. El legado de la constitución Gaudium et Spes*, in: Isaac Gonzáles Marcos (ed.), *Concilio Vaticano II. 40 años después*, 153-189.

fazer exceção de ninguém, há-de converter-se em “outro eu”, tendo em conta principalmente a sua vida e os meios para poder vivê-la com dignidade (GS 27). A Igreja deve partilhar as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias sobretudo com os pobres e os que sofrem (GS 1).

3) Uma maior repercussão tem ainda a receção do que podemos denominar a teologia explícita do Vaticano II sobre a pobreza. Podemos formulá-la do seguinte modo: a atenção prioritária da Igreja pelos pobres, ou a opção preferencial pelos pobres, tem implicações pessoais, institucionais e eclesiais que vão para além dos postulados da simples doutrina social da Igreja. Neste ponto, pode falar-se explicitamente da “Igreja dos pobres”, expressão que apesar de não se encontrar textualmente nos documentos finais aprovados, constitui um eixo fundamental de reflexão conciliar. Para o Concílio Vaticano II, a opção preferencial pelos pobres tem claros fundamentos cristológicos e pneumatológicos, com repercussões eclesiais essenciais para a vida e forma de atuar da comunidade eclesial. Trata-se de uma Igreja que se há-de reconhecer a si mesma na sua missão entre pobres e para os pobres”.<sup>12</sup>

De facto, o Concílio Vaticano II abriu uma nova era na Igreja como fruto da inesperada primavera, na intuição do Papa S. João XXIII. A essa primavera sucederam-se novos ciclos, com climas diferenciados, sem nos livrar de invernos rigorosos. As decisões conciliares foram interpretadas e praticadas de diferentes modos nos anos que se seguiram à grande assembleia, em função de lugares e sujeitos envolvidos no processo de *aggiornamento*. Por um lado, é fato que muitas renovações aconteceram em diversas frentes da vida da Igreja. Tanto no âmbito das práticas pastorais quanto da reflexão teológica, o pós-Concílio foi um canteiro onde a primavera produziu muitos frutos: renovação litúrgica em diálogo com as diferentes culturas, Igreja comprometida com os pobres, diálogo ecumênico e inter-religioso, Doutrina Social da Igreja, experiência de ministérios leigos etc.

---

<sup>12</sup> Joan Planellas Barnosel, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 189-190.

## 2. Francisco de Roma e uma Igreja pobre para os pobres

Antes de mais, é preciso deixar bem claro que o Papa Francisco não é um teólogo da libertação. Mas é preciso reconhecer que há muitos pontos de convergência e sintonia, particularmente no que diz respeito à dimensão social da fé e ao “vínculo indissolúvel entre nossa fé e os pobres”, presente nos termos de “Igreja pobre para os pobres” ou “opção pelos pobres”. Ambos afirmam sem meias palavras a centralidade dos pobres na revelação e na fé cristãs. Aqui está o ponto fundamental de encontro entre Francisco e a Teologia da Libertação nas suas mais diversas perspectivas e configurações.

Nas primeiras décadas de desenvolvimento da teologia da libertação na América Latina, enquanto a maioria dos teólogos da libertação acentuava e desenvolvia a *dimensão sócio-estrutural* da teologia, os teólogos da libertação argentina acentuavam e desenvolviam mais a *dimensão cultural* da teologia. Francisco situa-se fundamentalmente na linha da teologia da libertação argentina com um enfoque mais cultural. É fundamentalmente cultural-religioso, centrado na problemática das mentalidades, das convicções, dos valores e dos critérios que orientam e regulam a ação humana; o seu foco não está na análise das divisões e conflitos, mas na insistência do diálogo e da construção de uma cultura de solidariedade (EG 188-189).

O pensamento do Francisco está contido na *Evangelii Gaudium* e ali estão explícitos os fundamentos teológicos da centralidade dos pobres na Igreja e é marca evangélica mais característica do seu ministério pastoral. Uma Igreja pobre deve ser pobre no modo de ser comprometida com os pobres. De modo claro, Francisco afirma que “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG 198). Não é algo meramente opcional. É algo constitutivo da fé cristã (EG 48). Para Francisco, a “opção pelos pobres” deve chegar às “periferias”; é preciso agir; e a autêntica opção pelos pobres deve ser caracterizado por um “amor autêntico” aos pobres, o cuidado

espiritual com os pobres, a vivência e o fortalecimento de uma cultura da solidariedade e o enfrentar das causas estruturais da pobreza e da injustiça no mundo.

Porque tem o Papa Francisco este sonho para a Igreja? A resposta pode passar por estas chaves: a chave da escuta-encarnação; a chave bíblica-revelação; a chave cristológica.<sup>13</sup>

De facto, não pode ser apreendida a originalidade da mensagem cristã relativa à pobreza, senão em função da relação existente entre a pobreza e o mistério de Cristo. Para falar da pobreza e do cuidado que se espera da Igreja para com os pobres, poder-se-ia ter recorrido aos textos bíblicos especificamente eclesiológicos, a começar pelo que os Atos dos Apóstolos nos dizem a respeito da Igreja primitiva, aquela primavera do Espírito, cujo ideal deve permanecer sempre vivo. Em vez disso, a Constituição *Gaudium et Spes* fala de Cristo, do que a Escritura diz de sua pobreza e de sua solicitude para com os pobres. A questão da pobreza é abordada unicamente do ponto de vista cristológico. Existe um princípio de semelhança que deve necessariamente existir entre Cristo e a Igreja. Assemelhar-se a Cristo é, para a Igreja, a norma suprema. Esta semelhança é necessária, porque a Igreja continua a obra da salvação realizada por Cristo, e também porque compete à Igreja manifestar Cristo ao mundo, e manifestá-lo tal qual Ele próprio se revelou. Encarar o mistério da Igreja a partir do mistério de Cristo é um dos traços mais característicos da Constituição; não havia melhor maneira, nem mais profunda, de abordar o problema da pobreza, tal como ele se põe e deve ser apresentado à Igreja. Consequentemente, este problema da Igreja apresenta-se sob duas formas nitidamente distintas, embora estreitamente ligadas entre si. Por um lado, a Igreja tem o dever de seguir a pobreza de Cristo, de dar testemunho da pobreza de Cristo, sendo também ela pobre. Por outro lado, um dever da Igreja para com os pobres. Ela recebeu a missão de anunciar-lhes a Boa Nova; a Igreja deve ir até os pobres, para assemelhar-se a Cristo.

---

<sup>13</sup> Fernando García Cadiñanos, “Evangelii Gaudium: Una iglesia pobre y para los pobres”, *Salmaticensis* 61 (2014): 474-480.

A pobreza de Cristo e a sua atitude para com os pobres são o exemplo e a atitude que a Igreja deve seguir.<sup>14</sup>

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, afirma: “Os modelos atuais que enfatizam o sucesso e os direitos pessoais não parecem apoiar o investimento nos esforços para ajudar aqueles que ficam para trás, fracos ou menos dotados para encontrar oportunidades na vida” (EG 209). No entanto, a Jesus, o grande evangelho e o evangelho em pessoa, agradam-Lhe os seres humanos, especialmente os mais desprezíveis (cf. Mt 25,40). Isso lembra-nos que enquanto cristãos, somos chamados a cuidar dos mais fracos na terra (EG 209). Em *Deus Caritas Est* (DCE), Papa Bento XVI recorda à Igreja que, prestar atenção aos pobres ou “a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência” (DCE 25). O Papa S. João Paulo II, em *Sollicitudo Rei Socialis* (SRS), disse: “Num mundo dividido em ricos e pobres, bem como opressores e oprimidos, a proclamação do Reino de Deus como comunidade de justiça e fraternidade exige a atitude de estar ao lado dos pobres” (SRS 42).

A escolha da Igreja para cuidar dos pobres é realizada não por causa da compaixão ou ideologia da luta de classes, mas é uma escolha da espiritualidade que é feita no esforço de seguir a vida de Jesus, que se revelou aos pobres e necessitados. O espírito básico de *Evangelii Gaudium* leva, ainda, a Igreja a encontrar a plenitude de alegria no seu trabalho de cuidar dos pobres. A alegria dos discípulos de Cristo consiste em encontrar-se com Deus (EG 1). No coração de Deus os pobres ocupam lugar preferencial, tanto que Ele mesmo até “se fez pobre” (2 Cor 8,9; cf. EG 197). Por isso é “que os cristãos são os únicos que conseguem dizer que os pobres são bem-aventurados. Esta é a mais chocante e provocadora afirmação da história sobre a pobreza. Ela está ligada à maior revolução religiosa da humanidade

---

<sup>14</sup> Jacques Dupont, *A Igreja e a Pobreza*, in *A Igreja do Vaticano II*, ed. Vozes (Petrópolis, Rio de Janeiro: 1965), 422-423.

confirmando assim que a pobreza é matéria de índole fundamente religiosa”.<sup>15</sup> E “o problema da pobreza é religioso, porque a causa da pobreza é o pecado”.<sup>16</sup> Isto é, resulta da falta de partilha.

A Igreja que cuida dos pobres é uma categoria teológica. O movimento pastoral, com a escolha de estar ao lado dos pobres, deve ser encorajador: inspirado pelo Espírito Santo, baseado em serviço solidário, compassivo e sacrificial. A atenção para com os pobres encoraja-nos a crescer na qualidade do amor. Deus realmente tem um coração especial para com os pobres, Ele é “representado” neles. E, a Igreja deve captar o mistério revelado na pessoa do pobre. A atitude de fé e consciência crítica deve continuar a ser nutrida para que possamos captar e ver a realidade da auto-revelação de Deus mediante o pobre. O nosso Deus é o Deus vivo que se move ativamente em Seu Espírito para provocar o efeito da transformação em nossas vidas. Os pobres são o nosso Senhor e Mestre; ensinam-nos muitas coisas para atingir o mistério de Deus, compartilhar o *sensus fidei*, nos seus problemas e especialmente no sofrimento do Cristo sofredor. Nós devemos reconhecer, então, o poder salvífico que atua em suas vidas, assumindo-as bem no centro da peregrinação da Igreja. A Igreja dará um contributo significativo neste tempo se viver e anunciar verdadeiros valores evangélicos e puder seguir Cristo e estar ao lado dos pobres. Os pobres são uma realidade palpável do rosto de Deus; a sua auto-divulgação. Enfim, contemplar o rosto de Deus dessa maneira pode gerar felicidade e alegria enchendo os nossos corações e vida de fiéis. O ser humano, seja quem for, é criatura à imagem do rosto de seu Senhor.

O Papa Francisco na Exortação Apostólica sobre o chamamento à santidade no mundo atual, *Gaudete et Exsultate* (GE), diz que o evangelho nos convida a reconhecer a verdade do nosso coração para vermos onde colocamos a segurança da nossa vida. As riquezas não dão segurança. Quando o coração se sente rico, não há espaço para a Palavra de Deus, nem

---

<sup>15</sup> João César das Neves, “Economia e Pobreza”, *Cenáculo*, 2ª série, 50, 197 (2011): 48.

<sup>16</sup> *Ibid.*: 46.

vontade para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida. Por isso, Jesus chama felizes os *pobres em espírito*, que têm o coração pobre, onde pode entrar o Senhor com a sua incessante novidade. O evangelho convida-nos a *compartilhar a vida dos mais necessitados*, a vida que levaram os Apóstolos e, em última análise, *a configurar-nos a Jesus*, que, «sendo rico, Se fez pobre» (2Cor 8, 9). Ser pobre no coração: isto é santidade (cf. GE 67-70).

O Papa Francisco na mensagem para o primeiro *Dia Mundial dos Pobres pediu que as comunidades cristãs se tornassem*, em todo o mundo, cada vez mais e melhor, *senal concreto da caridade de Cristo para com os mais necessitados*. Ressalva o serviço aos mais pobres como um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo e que os pobres não são apenas destinatários de uma boa obra, muito superficial e efêmero mas que permita abrir a um verdadeiro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida. No exercício da caridade das primeiras comunidades, “depois dos carismas de profecia, serviço e ensinamento, mencionam-se quatro dons que implicam de alguma forma atenção aos outros: a acção de consolar (*ho parakalôn*); a distribuição de bens materiais (*ho metadidoùs*); *ho proistámenos* que pode ser entendida como o que preside ou o que cuida. As comunidades da primeira geração consideram a acção caritativa e a atenção aos necessitados uma marca distintiva da sua identidade como grupo. O distintivo desta comunidade era o amor, que se expressava de diversas formas quer na relação com os que pertenciam ao grupo dos discípulos, quer com os de fora”.<sup>17</sup> Para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de tudo, uma vocação a seguir Jesus pobre. Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher. A pobreza interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos vincados pelo sofrimento, a marginalização, a opressão, a violência, as torturas e a prisão, pela guerra, a

---

<sup>17</sup> Santiago Guijarro Oporto, “A caridade na missão evangelizadora da primeira comunidade cristã”, *Communio* XXXII (2015/2): 149-150.

privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e o analfabetismo, pela emergência sanitária e a falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e a escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro, onde tudo isso é fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada. Com o dia Mundial dos Pobres, o Papa Francisco quer que se instaure uma tradição que seja contributo concreto para a evangelização no mundo contemporâneo, porque partilhar com os pobres permite-nos compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda.<sup>18</sup>

De facto, conforme o que está expresso na *Evangelii Gaudium*, para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica. A Igreja fez uma “opção pelos pobres” como uma “forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja” e que está cristologicamente fundada por um “Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza”. Este “desejo de uma Igreja pobre para os pobres” está muito explícito no documento pontifício do Papa Francisco (cf. EG 198).

O compromisso para com os pobres pode passar pela atenção que se dá aos pobres, por apreciar o pobre na sua bondade, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé, no serviço, sem utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do Evangelho não pode ter a credibilidade perante os desafios apresentados à Igreja. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária (cf. EG 199-200).

---

<sup>18</sup> Mensagem do Santo Padre Francisco para o 1º Dia Mundial dos Pobres (19 de Novembro de 2017), dado em Vaticano, 13 de Junho de 2017.

Por isso mesmo, a Igreja é convidada a sair de si mesma para ir ao encontro dos outros para chegar às periferias humanas, “sair para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo”, abrir as suas portas e saber acolher porque “na Sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88).

## **II. EVANGELII GAUDIUM: A IGREJA EM SAÍDA**

Os termos como “a Igreja em saída”, “as periferias existenciais” são pronunciados em várias ocasiões pelo Papa Francisco. Ele fez o seu apelo a uma Igreja presente nas periferias da sociedade atual. A “Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias não somente geográficas, mas também existenciais - do mistério do pecado, da dor da injustiça, da ignorância, da falta de fé, do pensamento, de todas as formas de miséria” cuja única via de saída é o Evangelho. No mesmo sentido, o Papa Francisco recorda que a Igreja deve estar nas periferias das dioceses e em todas as “periferias existenciais” onde há sofrimento, solidão e decesso humano, e onde é preciso promover em maior medida a cultura do encontro. O jubileu da misericórdia centra-se precisamente nas “periferias existenciais” com particular atenção à proximidade dos pobres, dos que sofrem, dos marginalizados e de todos aqueles que precisam de um sinal de ternura. Tudo isto vem culminar na exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, que se propõe como percurso da Igreja nos próximos anos.

### **1. A Igreja pobre como uma Igreja em saída**

O paradigma da “Igreja em saída” apresenta-se como uma possibilidade de um novo agir pastoral de encontro e proximidade entre o Povo de Deus e a sua estrutura hierárquica. Ao comparar a imagem ideal da Igreja com a sua imagem real, o Papa sublinha na EG o desafio de uma profunda renovação na Igreja. A conversão permanente é a vocação da própria Igreja, que, sendo fiel ao Seu espírito missionário deve reformar as suas estruturas conforme exigências da conversão pastoral.

Francisco retoma as intenções pastorais do Vaticano II, alicerçadas no método indutivo da *Gaudium et Spes* (GS), e, rompendo com o magistério tímido dos seus antecessores, abre novos horizontes para a Igreja. É neste contexto que verificamos que o conceito de “Igreja em saída” está a substituir o paradigma da “Nova Evangelização”, delineado no Sínodo dos Bispos de 2012. A EG foi muito além do referido Sínodo e apresenta uma nova concepção de evangelização focalizada nos sujeitos da ação pastoral. Para o Papa, a nova evangelização tem de responsabilizar cada um dos batizados que se devem sentir como “discípulos missionários” integrados numa “comunidade missionária”. É a partir desta concepção que define a “transformação missionária da Igreja” como o lugar da “Igreja em saída”, onde todo povo de Deus aparece como sujeito da ação missionária, devendo efetuar o anúncio evangélico através da sua vida pessoal e comunitária.

O “paradigma da Igreja em saída” exige não só um êxodo geográfico, mas também ideológico, cultural e histórico. Com efeito, só se sair das suas próprias seguranças é que a Igreja conseguirá recuperar a capacidade de discernir os novos tempos. Isto implica naturalmente o estabelecimento de critérios de discernimento que possam ler idoneamente o passado e o futuro, futuro este que se lê em cada passo presente.

A “Igreja em saída” assume-se hodiernamente como um imperativo, que no intento do Papa deve levar a Igreja a ser como que “hospital de campanha”. Ou seja, uma Igreja que sai ao encontro dos enfermos, da “ovelha perdida”. Todavia, é fundamental sublinhar que esta Igreja não pode chegar às periferias sem uma memória, sem uma consciência do seu passado que a projeta para o presente.

Isto, porque a “Igreja em saída” é também ela enferma, marcada pela fragilidade dos fiéis ao longo dos séculos, por concepções teológicas e pastorais, próprias de cada tempo, que nem sempre foram reveladoras do verdadeiro espírito evangélico. A Igreja é também, portanto, lugar de contínua conversão. Só assim é que Ela pode ir ao encontro dos enfermos e ajudar a ser no mundo sinal de estímulo e de conversão.

A preferência pelos pobres leva a Igreja a optar por uma teologia indutiva, ou seja, por uma teologia que parte da realidade concreta, de uma abertura dialogal e de uma posição de saída e de encontro. Esta posição aparece como imprescindível, pois através desta experiência prática no meio da humanidade a Igreja encontra respostas para si mesma e para o mundo. Neste sentido, compreendemos que a Igreja é chamada a ser “lugar de misericórdia”, lugar de abertura espacial, mas também de abertura de participação da vida eclesial, onde os fiéis aprofundem a sua relação com o Deus através do amor mútuo e dos sacramentos.

O caminho de salvação apresenta-se desde o Antigo Testamento (AT) como uma itinerância na fé, a qual implica “saída”, por vezes, do espaço geográfico, cultural ou social, mas também saída da própria comodidade, de uma mentalidade fechada e pessimista. Assim, a “Igreja em saída” é na verdade a própria comunidade de crentes que é chamada à missão, tendo por modelo a itinerância de Jesus Cristo. À semelhança de Jesus, a prioridade da Igreja deve ser os mais desfavorecidos: os pobres, marginalizados, os enfermos. Esta preferência pelos pobres é vital para a Igreja, pois eles, para além de participar no *sensus fidei*, conhecem Jesus Cristo sofredor nas suas próprias dores. O seu sofrimento é lugar de encontro com Cristo e por isso toda a Igreja tem necessidade de se deixar evangelizar por eles. Deus escolhe revelar a Sua sabedoria nos pobres, nos desconsiderados aos olhos do mundo, logo a missão de evangelização deve passar sempre por procurar descobrir ou implantar neles a presença de Deus. Os destinatários do anúncio do Reino são os pobres, os endemoninhados, os doentes, os aflitos. Não se trata puramente de uma pobreza económica. Jesus não tinha em vista uma pobreza espiritual como qualidade subjetiva de mérito e de valor moral. A bem-aventurança é para aqueles que estão em situações objetivas de injustiça. Os difamados e chorosos pertencem a este grupo de pessoas pobres.<sup>19</sup> A alegre notícia endereçada aos pobres expressa

---

<sup>19</sup> Sobre a categoria de pobres e as suas matizes, cf. Walter Kasper, *Jesús, El Cristo*, ed. Sígueme (Salamanca: 1965), 142-145. Contudo: “Quem são os pobres a quem se promete o Reino de Deus (Lc 6,20; Mt 5,3)? Esta palavra se transmite e se entende de maneira diversa em Mateus e Lucas. Mateus fala dos “pobres de espírito”, pressupondo um conceito religioso da pobreza no sentido de humildade, isto é, pobreza diante de Deus; Lucas

gestos concretos de libertação realizados por Jesus em seu favor.<sup>20</sup> O Reino vem como justiça para aqueles que vivem em situação de objetiva injustiça social. Deus coloca-se da parte deles com acções eficazes e, por isso, se compreende a solidariedade libertadora demonstrada por Jesus para com os pecadores.<sup>21</sup> Esta realidade ajuda a Igreja a perseverar numa contínua conversão, numa humilde compreensão dos mais “pequeninos do reino” evitando a acentuação hierárquica, o exibicionismo rubricista na liturgia e a busca de prestígio.

Apesar da saliente necessidade de uma saída focalizada na sabedoria prática verifica-se que a Igreja se move ainda, mais na teoria do que na prática. Evidencia-se assim uma falta de coragem na efetuação desta vontade de sair ao encontro próximo, atento e fraterno; falta deixar que a sabedoria prática se manifeste na criação permanente de estruturas no seio das comunidades onde se verifica a necessidade de maior presença da Igreja. Este impasse demonstra-nos que a “Igreja em saída” esbarra ainda com grandes obstáculos. O Papa Francisco insiste em afirmar que prefere uma Igreja ferida e enlameada por ter saído do que uma Igreja enferma e abafada pelo fechamento. Contudo, parte da Igreja parece querer ficar presa às falsas seguranças, às normas, temendo o encontro com o exterior. Estas resistências à “Igreja em saída”, à alegria da evangelização ao encontro com os pobres é maioritariamente interna. O Papa apelida esta atitude de “perspetiva fechada”, “hermenêutica conspiradora” e “métodos não inteiramente benévolos”. Encontramos aqui portanto uma evidente contradição entre o pontífice e alguns “inimigos da nova evangelização”. Talvez esta realidade se deva ao

---

fala-nos dos que são verdadeiramente pobres, porém, não nos carecem de bem materiais sem mais, mas nos que padecem pobreza por causa da sua condição de discípulos (Lc 6,22). O mesmo Jesus fala dos pobres no contexto de uma série de expressões paralelas: chama ditosos aos de coração fragmentado, aos encarcerados, escravizados, desalentados e tristes. De modo que, em sentido mais amplo, se entende por pobres os que carecem de ajuda e de meios, os oprimidos, os desesperados, os despreziados, aqueles de quem se abusa e a quem se maltrata” (cf. Walter Kasper, *Jesús, El Cristo*, ed. Sigueme (Salamanca: 1965), 143).

<sup>20</sup> “Na literatura sapiencial grega e judia chama-se ditoso ao que tem filhos bem-educados, boa mulher, amigos fiéis, êxito, etc. Não sucede o mesmo nas bem-aventuranças de Jesus... Chamada ditosos não aos que são felizes, triunfadores, mas aos pobres, afamados, aos que choram, aos ridicularizados e perseguidos...”, cf. Walter Kasper, *Jesús, El Cristo*, ed. Sigueme (Salamanca: 1965), 143. Há, portanto, aqui uma subversão teológica e de um novo paradigma por parte de Jesus, que condiz, no fundo, com a sua crítica ao farisaísmo e ao poder sacerdotal que imponham fardos pesados em nome de Deus e de uma pretensa moralidade aos mais débeis da sociedade.

<sup>21</sup> Cf. Jacques Dupont, no seu magistral e pioneiro livro *Les Béatitudes*, II: 19-34, demonstra convincentemente o sentido social dos pobres beneficiários do Reino.

facto de Francisco representar dois sectores: o povo simples e a hierarquia estruturada, deste modo o seu grande desafio aparenta estar em conciliar estes dois sectores numa “Igreja pobre para os pobres”.<sup>22</sup>

## **2. As “periferias existenciais” como centro do Evangelho cristão**

No discurso de Francisco sobre a periferia, uma característica recorrente é a inclusão, em oposição à exclusão. A exclusão, na sua essência, implica duas ações paralelas, destrutivas e intrinsecamente violentas: primeiro, visando o processo de “vinculação”, em segundo lugar, omitindo o processo de “separação”. O Papa Francisco assume-se, tomando posição defendendo a favor dos expulsos: “É essencial aproximar-se de novas formas de pobreza e vulnerabilidade, nas quais somos chamados a reconhecer o Cristo sofredor, mesmo que isso não nos traga benefícios tangíveis e imediatos. Penso nos sem-teto, aos adictos (viciados), aos refugiados, aos povos indígenas, aos idosos cada vez mais isolados e abandonados, e muitos outros. Os migrantes apresentam um desafio particular para mim, já que eu sou pastor de uma Igreja sem fronteiras, uma Igreja que se considera mãe de todos”. A ideia da periferia representa uma versão revista e atualizada da “opção preferencial pelos pobres”; implica não só “ouvir o grito dos pobres”, mas, ao mesmo tempo, desafiar as “teorias de gotejamento que assumem que o crescimento económico, encorajado por um mercado livre, inevitavelmente terá sucesso em conseguir uma maior justiça e inclusão no mundo”.<sup>23</sup> A nossa evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das vidas dos pobres e a colocá-los no centro do caminho da Igreja (cf. EG 198).

---

<sup>22</sup> Paulo Suess, “Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco”, *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, v. 8, n. 3 (2016): 659-671.

<sup>23</sup> Pasquale Ferrara, “The Concept of Periphery in Pope Francis’ Discourse: A Religious Alternative to Globalization?”, *Religions*, 6 (2015): 52-54.

O dinamismo “de saída” aparece constantemente na Bíblia, desde Abraão, Moisés ao Novo Testamento. Existem muitas “provocações”, desafios, chamadas, envios a sair da comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20). A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que tomam iniciativa, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam (cf. EG 24). A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas. Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho e a evangelização dirigida a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Existe um veículo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres.

Como está explícito na EG 52, a Igreja está perante alguns desafios que a própria sociedade nos apresenta, tais como uma “economia que mata”, uma “cultura do descartável”, a “idolatria do dinheiro”, “desigualdade social” e alguns “desafios culturais”. Perante isto, a Igreja deve ser uma Igreja de inclusão, uma igreja em saída ao encontro dos pobres, excluídos, marginalizados. Porque uma Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas (cf. EG 46).

A exortação apostólica também apresenta alguns desafios aos teólogos: reconhecer o papel das mulheres na teologia; decifrar os sinais dos tempos nas nossas culturas, servir a centralidade do *kerygma*; ser teologia “em saída” às periferias, optando pelos pobres e o teólogo é inserido no povo de maneira que o seu lugar epistemológico se situe aí; respeitar a liberdade da Palavra.<sup>24</sup>

A proposta do Papa Francisco é, basicamente, evangélica porque quer uma Igreja aberta ao diálogo e ao encontro do outro, pobre e dedicada ao seu serviço; solidária, fraterna, “na rua”, “de saída”, fiel ao Evangelho sem glosa e atenta ao Espírito. Sem dúvida, as circunstâncias, o pensamento e a história do Papa Francisco antes de ser eleito condicionarão

---

<sup>24</sup> Sergio Silva, “La Exhortación Apostólica del papa Francisco como desafío a los teólogos”, *Teología y Vida*, 55/3 (2014): 549-570.

o desenvolvimento de um pontificado que será subjacente e centralizado na imagem dos pobres: “Qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretender subsistir tranquila, sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos, correrá também o risco da sua dissolução, facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios” (EG 207). O ardor do Papa Francisco traduz-se na paixão por evangelizar. É uma mensagem de alegria. Não se acentua tanto se se trata de impulsionar a “nova” ou “novíssima” evangelização. Supõe uma decidida aposta pelo retorno ao Evangelho, o retorno à experiência originante, o ir beber à tradição da fonte. O Papa, na exortação apostólica, convida a aproveitar o momento presente para nos encontrarmos pessoalmente com Jesus Cristo. Este ardor procura uma Igreja voltada ao exterior, não preocupada consigo mesma. Entre Evangelho e a Igreja deve haver uma relação de fim ao meio e não o contrário.<sup>25</sup> Além disso, a sensibilidade do Papa Francisco é a centralidade dos pobres, sem qualificações. Sem eles, transformamo-nos em “pessoas ressentidas, queixosas, sem vida” (EG 2). Se alguém duvida: “Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!” (EG 48); ou ficando alheios ao “imperativo de ouvir o clamor dos pobres” (EG 193).

Devemos deixar-nos afetar e ter a audácia de lutar pelas necessidades dos pobres. Isto é, acolher as necessidades reais das vítimas da exclusão, implica ter a audácia de se deixar ser querido pelas vítimas. O carinho acolhido, sentido e recebido leva sempre mais além do que o administrado unilateralmente em favor do outro. A dinâmica da caridade é bidirecional: amar e deixar-se amar. Provavelmente é a forma mais arriscada e a que leva mais longe o melhor do humano.<sup>26</sup> Nunca podemos “decidir como se os pobres não existissem” (EG 80). A caridade faz com que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como em casa (cf. EG

---

<sup>25</sup> José Luis Segovia Bernabé, *Evangelii Gaudium: Desafios desde la crisis*, PPC, (Madrid: 2014): 10-11.

<sup>26</sup> cf. *Ibidem*: 37-38.

199). “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas (...) A Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante” (EG, 47). É preciso ler a realidade com outra visão, a partir de Deus.

Ler a realidade teologicamente é adotar o ponto de vista de Deus. Deus vê a partir dos últimos, com a inclinação para os mais vulneráveis. Este é um tema transversal a EG que parece superar as relutâncias em relação à Igreja latino-americana e os pobres como lugar teológico e existencial. O Documento da Aparecida (DA) deixa claro: “A tarefa essencial da evangelização inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (DA 146), sem os quais “não é possível uma ordem justa na sociedade” (DA 3), referindo-se a todos os seres humanos (cf. GS 76). A leitura teológica da realidade faz-se procurando evitar que o idealismo acabe com o real. E isto consegue-se mediante o “indutivismo”, que reclama qualquer forma de leitura encarnada ante a injustiça e a dor evitáveis. A compaixão ao contemplar a realidade é a forma de evitar aplicações distorcidas ou não inculturadas do Evangelho. Ler teologicamente a realidade é descobrir o passo de Deus. A leitura do crente é amável e crítica ao mesmo tempo. Reclama uma atitude, não só ética e religiosa, mas também estética. Trata-se de tornar visível o invisível e fazê-lo de maneira não violenta mas com elegância espiritual.<sup>27</sup>

O Documento da Aparecida apresenta a Igreja como advogada de justiça e defensora dos pobres. É parte da opção por uma eclesiologia de comunhão em que destaca a centralidade do pobre. Desdobra-se numa “renovada pastoral social para a promoção humana integral” (DA 399), que à luz da EG implica contemplar vários níveis:

---

<sup>27</sup> cf. *Ibidem*: 46.

- *Amizade para com os pobres*. Não podem ser mero objeto da nossa caridade. Não se trata de fazer coisas ou prestar ajudas, mas de partir de uma concepção mais horizontal, autêntico exercício de fraternidade veiculado através da verdade e do “acompanhamento pastoral dos pobres” (EG 70). Esta cumplicidade com os excluídos implica amar e, sobretudo, assumir ser amado pelas pessoas em situação de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, sentir-se cúmplice e aliado da sua causa. Dimensão pastoral e dimensão estrutural. Em suma: “Somos chamados a descobrir Cristo neles (nos pobres): não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também ser seus amigos, escutá-los, compreendê-los e acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (cf. EG 198).

- *Dimensão assistencial*. O desafio de “dai-lhes vós mesmos de comer” (Lc 9,13) não pode ser contornado. Portanto, a ajuda direta pode ser um componente imprescindível, mas mesmo nesse caso deverá ser concedida de maneira que não possa ser tomada como humilhação. Há tipos de generosidade que humilham os destinatários, e isso exige uma revisão. O melhor remédio consiste em que a pessoa solidária tenha presente que mais importante que as coisas que se dão, é a própria pessoa com a sua capacidade de enfrentar o dom (cf. DCE 34).

- A *dimensão promocional*, que acentua o desenvolvimento de capacidades e habilidades individuais, que ensina a pescar, contribuindo com “a cana e não com o peixe”. Esta dimensão ainda é válida neste momento, sobretudo quando incluída no âmbito de itinerários de inclusão social em que o protagonismo corresponde às vítimas da exclusão social. Desde logo está fora de toda a dúvida que “a tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano” (EG 182).

- *A transformação das estruturas* do pecado é outro desafio importante. Exige impedir o chamado individualismo moral: reduzir os problemas económicos e sociais a meros problemas pessoais. Hoje é preciso exercer “resistência profética como alternativa cultural perante o individualismo hedonista” (EG 193). Para isso, há que “resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres” (EG 188), porque “a necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar (...) Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais” (EG 202).

- *Denúncia profética*. Durante algum tempo manteve-se em segundo plano ou foi exercido em termos tão gerais, abstratos e inautêntico que passou inadvertida. O desafio está em anunciar a Boa Nova com “audácia e dedicação cheia de esperança” (EG, 109). Uma leitura teológica da crise obriga à denúncia. Ninguém como a Igreja tem a liberdade e a autoridade moral para ver o que é invisível e denunciar o injusto. A Igreja não pode permanecer muda perante tanto sofrimento e injustiça. Quando os excluídos não são explorados, mas resíduos, sobras, temos que dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social” (EG 53). O Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI) exorta-nos que “o amor cristão move à denúncia, à proposta e ao compromisso” (CDSI 6) e a caridade também inclui a denúncia das injustiças e a defesa dos mais vulneráveis da sociedade.

- *De uma atuação integradora da pastoral social*. Como, por exemplo, é necessário unificar a defesa da vida em todas as suas etapas e a defesa da qualidade dessa mesma vida, juntando a desvalorização do aborto com a defesa dos direitos dos trabalhadores ou dos imigrantes não legalizados. Será também precisa uma pastoral social mais orgânica, em que se

incorpore o protagonismo da vida religiosa, bem como aproveitar o papel cada vez mais relevante de um laicado adulto, militante e corresponsável.

- *Dimensão criativa*. É preciso inventar novas formas que nos levem à aproximação e à solidariedade para com os pobres, à aliança com as suas causas, à cumplicidade com suas pessoas nos seus processos de inserção social, à compaixão e à indignação que se propaga nessa tentativa partilhada, em que somos desafiados a ser “ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respetivas comunidades” (EG 33).<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> cf. *Ibidem*: 46-51.

### III. EVANGELII GAUDIUM: DESAFIO AO PENSAMENTO FRANCISCANO

O Papa Francisco desde início do seu pontificado tem sido um desafio, não só para os cristãos em geral, mas principalmente para os franciscanos. Com a escolha do nome “Francisco”, que remete para o século XIII com o *poverello* de Assis, indica um projeto de “não esquecer os pobres”. Falando aos frades franciscanos, disse o Papa Francisco:

“É importante viver uma existência cristã e religiosa sem se perder em disputas e palavras vazias, mas cultivando um diálogo sereno com todos, com simplicidade, mansidão e humildade, usando meios pobres, anunciando a paz e vivendo sobriamente, felizes por tudo quanto nos é dado. Isto requer um decisivo empenho e transparência de vida, no uso ético e solidário dos bens, e num estilo de vida sóbrio e desprendido. Se, pelo contrário, fordes assediados pelos bens e pelas riquezas do mundo e aí colocardes as vossas seguranças, será o Senhor mesmo que vos despojará deste espírito de mundanidade, a fim de preservardes o precioso património de minoridade e de pobreza ao qual fostes chamados por meio de São Francisco”<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Cf. Papa Francisco. Discurso aos participantes no Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores. Vaticano, 26 de Maio de 2015.

## 1. Francisco de Assis e a “pobreza franciscana”

O tema da pobreza tem sido pouco falado nos últimos tempos depois do Concílio Vaticano II. Com o Papa Francisco voltou-se a falar no tema. Fala-se de uma Igreja dos pobres e para os pobres. Ao falar de Francisco de Assis e a pobreza franciscana, de facto, “a pobreza é a grande descoberta de São Francisco. Na Igreja, jamais havia cessado de se praticar a pobreza como um sacrifício, como uma ascese, como uma forma de despojamento e até um certo ponto, de imitar a pobreza de Jesus Cristo. Mas antes de São Francisco jamais se tinha entendido a pobreza como uma Pessoa, uma Presença, enfim, o próprio Deus. E é por esta razão que em São Francisco a pobreza não é mais uma ascese, mas uma *mística*, uma alegria, um regozijo e uma admiração, porque a pobreza é o próprio rosto do Amor”.<sup>30</sup>

Francisco é uma figura incontornável da história religiosa do mundo e mesmo de algumas das suas configurações sociais e culturais. A sua figura envolta em “lendas” como todos os que marcaram pela sua vida a história dos homens, é um testemunho ímpar pela forma como viveu, na pobreza e no serviço, o amor de Deus e a comunhão com os irmãos. “A pobreza evangélica vivida por Jesus permaneceu na Igreja como um sinal, particularmente, claro de comunhão no seu espírito. O santo que mais se lhe assimilou é, sem dúvida, Francisco de Assis, o *Poverello*. A pobreza evangélica, na sua profundidade última, é uma renúncia radical, uma humildade total e, por consequência, uma confiança louca perante Deus”.<sup>31</sup>

A forma de vida de Francisco e a sua vocação está, claramente, ao serviço do Evangelho e dos pobres, na humildade e na configuração a Cristo. No seu Testamento (T), Francisco dizia: “...parecia-me muito amargo dar com os olhos nos leprosos; mas o Senhor, um dia, me conduziu ao meio deles e com eles usei de misericórdia. E ao afastar-me deles, o

---

<sup>30</sup> Maurice Zundel, *Silence, Parole de Vie*, ed. Anne Sigier (Québec-Canada: 1992), 75.

<sup>31</sup> Claire Bissonnette, *Privilégio da Pobreza, estudo e reflexão* (Tradução, notas, bibliografia e organização – Maria Manuela Brito Martins), ed. Centro de Estudos Franciscanos (Porto), 35.

que antes me parecera amargo, converteu-se para mim em doçura de alma e de corpo...” (T 1-3).<sup>32</sup> Este Testamento tem o seu fundamento no seguimento de Cristo, pobre e humilde, com quem quer fazer o caminho para uma fraternidade onde reina a pobreza, a obediência e a humildade, que se encontram no amor a Cristo e na comunhão com todos os irmãos.<sup>33</sup> E a sua vivência está bem explícita na regra, como afirma: “a Regra e a Vida dos Irmãos Menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade” (2R1,1).<sup>34</sup>

Pobre com os pobres, Francisco renuncia aos privilégios mundanos para servir a sua dama “A Pobreza” e sempre em busca da conformidade com Cristo. A originalidade fundamental dos Irmãos Menores reside na vontade de levar uma vida pobre e errante, a exemplo de Cristo e dos Apóstolos, que se traduz numa recusa da posse de bens não só pessoais (o que já acontecia com os monges) mas igualmente comunitários. Optando pela condição de menores, rompem com o estreito laço existente entre o estado religioso e a condição senhorial.<sup>35</sup> Francisco de Assis decidiu, sobretudo, que os irmãos nada possuíssem, mesmo coletivamente, e tirassem a sua subsistência apenas do seu trabalho manual e dos dons recebidos. A pobreza franciscana inaugura uma ordem mendicante que nada tem a ver com as ordens monásticas existentes. De facto, a vida franciscana é uma desapropriação. Na visão metafísica, por exemplo, na linha do pensamento de Agostinho, o pecado original consistiu na apropriação do que era comum a todos.<sup>36</sup> O *amor-próprio* consiste na perda daquilo que se

---

<sup>32</sup> São Francisco de Assis, *Testamento (T)*, Fontes Franciscanas I: Escritos-Biografias-Documentos, Editorial Franciscana (Braga: 2005), 180.

<sup>33</sup> Cf. M. Filomena Andrade, “Francisco um louco em Cristo e a santa pobreza”, *Communio* XXXII (2015/2): 159-160.

<sup>34</sup> São Francisco de Assis, *Segunda Regra (2R)*, Fontes Franciscanas I: Escritos-Biografias-Documentos Editorial Franciscana (Braga: 2005), 167.

<sup>35</sup> Cf. M. Filomena Andrade, “Francisco um louco em Cristo e a santa pobreza”, *Communio* XXXII (2015/2): 161.

<sup>36</sup> Cf. G. Madec, “Le communisme spirituel”, *Homo spiritualis*, Würzburg 1987: 225-239, retomado em *Petites études augustiniennes*, Paris: Institut des Etudes Augustiniennes 1994: 216-231. Citado a partir de Olivier Boulnois, “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 167.

possui em comum (a verdade, o bem); reduz cada um ao que possui em particular.<sup>37</sup> A apropriação é a dominação do homem pelo homem. Agostinho compara a comunidade primitiva à República original, que privilegiava o “bem comum” (*res communis*) e a “causa do povo” (*res populi*): “são os bens que cada um por si possui que provocam os diferendos, as inimizades, as discórdias”.<sup>38</sup> Segundo a experiência de Francisco, a desapropriação não consiste em colocar num saco comum todos os bens próprios. Os irmãos nada possuem, nem mesmo em comum. Inauguram, assim, uma nova relação com o mundo, “altíssima pobreza”: *altissima paupertas*. Este termo é frequentemente traduzido “mais alta pobreza”, mas é um falso sentido: ao nada possuir, mesmo em comum, Francisco pensava muito simplesmente ter alcançado a *mais alta pobreza possível*.<sup>39</sup>

Privilegiando a pobreza não faz dela um “bem em si”. O pobre de Assis, todavia, não exaltou a miséria, antes procurou remediá-la mercê da fraternidade e da solidariedade com todos os que nela tinham caído. A pobreza radical, querida e vivida por Francisco, é um meio de realizar a justiça fraterna perfeita. Um privilégio supõe um direito reconhecido que confere uma superioridade a um grupo constituído. A palavra privilégio vem do latim, *lex privata*, uma lei privada que confere um estatuto de exceção, obtido pelo direito. Deus preocupa-se com os pobres porque estes têm um privilégio. Esse Deus que se distingue dos ídolos pela sua capacidade de ver o pobre, que se abaixa, que olha e eleva.<sup>40</sup>

A fraternidade franciscana definiu-se como um «mundo às avessas», uma comunidade de homens pobres e castos submetidos aos outros (*minores, subditi*), cujo género de vida é fundado na recusa em possuir seja o que for. Viver na pobreza é voltar à perfeição das origens e reencontrar a única verdadeira riqueza que é a do amor partilhado. É uma “economia da

---

<sup>37</sup> Santo Agostinho, O Génesis no sentido literal IX 15, 19. Citado a partir de Olivier Boulnois, “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 167.

<sup>38</sup> Santo Agostinho, *Cidades de Deus* V 18, 2. Citado a partir de Olivier Boulnois, “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 167.

<sup>39</sup> Cf. Olivier Boulnois, “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 167-168.

<sup>40</sup> Cf. Pierre Coulange, “Deus tem o privilégio de ver os pobres”, *Communio* XXXII (2015/2): 197-204.

pobreza” caracterizada pela gratuidade. Francisco tinha escolhido colocar-se do lado dos pobres, dos deserdados e dos marginais de toda a espécie: leprosos, bandidos, vagabundos. Todos os que formavam então a escória da sociedade eram para ele objeto de predileção. Em cada um deles, mais do que em qualquer outro ser humano, via o rosto de Cristo crucificado. E partilhar da vida dos pobres era a melhor maneira de se aproximar de Cristo de quem, aos olhos de Francisco, eles eram os representantes imediatos neste mundo.<sup>41</sup>

Na *Sollicitudo rei socialis*, João Paulo II escreve que a “Opção preferencial pelos pobres não pode resultar suspeitosa de extremismo social ou de extravagância pastoral. Esta opção preferencial pelos pobres como atuação da primazia da caridade, é uma característica distintiva da doutrina social da Igreja” e “Se a opção pelos pobres faz parte do núcleo central da fé cristã, então deixa de ser uma opção da espiritualidade e da pastoral e passa a ser a condição necessária para seguir sendo fiéis ao anúncio fundador e à tradição viva da Igreja”.<sup>42</sup>

Por que motivo são os pobres e os infelizes, muito especialmente, os beneficiários do Reino de Deus? Os pobres da Bíblia não são exatamente os mesmos que designamos por este termo; sua pobreza é essencialmente interior, dócil aceitação da vontade divina, humilde confiança no socorro divino. O que importa não é a sua situação social e económica, mas as suas disposições de alma. Não há mérito em ser materialmente pobre; há, sim, em praticar a pobreza espiritual, que pode, aliás, coincidir com a riqueza material. É, portanto, porque suas disposições de alma o merecem, que os “pobres” devem ser beneficiários privilegiados do Reino de Deus (...) Jesus dirige aos pobres a boa-nova do Reino de Deus, porque os benefícios desse Reino recaem, por privilégio, sobre os deserdados do mundo presente: é em proveito deles que Deus quer manifestar a justiça e a misericórdia que caracterizam o exercício de sua realeza.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Cf. André Vauchez, *Francisco de Assis. Entre História e Memória*, Ins. Piaget (Lisboa: 2013), 147-150.

<sup>42</sup> Rinaldo Fabris, “La opción por los pobres”, ed. Verbo Divino (Estella, Navarra: 1992), 7-9.

<sup>43</sup> Jacques Dupont, *A Igreja e a Pobreza*, in *A Igreja do Vaticano II*, ed. Vozes (Petrópolis, Rio de Janeiro: 1965), 440-443.

O nosso mundo está hoje a passar por muitas mudanças radicais, entre as quais a revolução económica ligada à globalização, a revolução digital e a revolução bioética que transtorna a forma como atuamos sobre a natureza. Novas formas de pobreza estão a nascer, tais como o crescente número de jovens que não encontram trabalho, a globalização da violência e do medo, famílias atingidas pela crise, as pobrezas do mundo rural e o problema de enormes massas de pessoas que têm que emigrar para outros países. Os fatores que podem estar por detrás dessa situação social são a negação da primazia do ser humano, a cultura do imediato e da técnica, um modelo centrado na economia, a idolatria da lógica mercantil.<sup>44</sup>

Perante os desafios atuais, os franciscanos são desafiados a ir até às periferias com a alegria do Evangelho. Esse ir “até às periferias com a alegria do Evangelho” expressa a decisão de fundo, que é a de sair de cada recinto que nos tem encerrados, para levar a Boa Nova àqueles que hoje dela necessitam mais do que nunca, com a alegria que nasce do Evangelho.<sup>45</sup> É importante recordar o fosso cada vez maior entre os ricos, que progressivamente diminuem em número e aumentam em riqueza, e os pobres, que, pelo contrário, vão crescendo em número e incluindo entre eles muitos dos que antes faziam parte da classe média. Escutemos o grito dos pobres e unamos as nossas vozes para desafiar as estruturas de pecado que crescem e perpetuam esta situação. Devemos ser agentes de mudança cada vez mais convencidos de que fomos chamados a abraçar a situação dos nossos irmãos cuja vida de pobreza não é voluntária como a nossa, mas constitui uma violação à dignidade e condição humana.<sup>46</sup> Também hoje, embora vivamos numa sociedade em que muitas vezes prevalece o “ter” sobre o “ser”, somos muito sensíveis aos exemplos de pobreza e de solidariedade, que os crentes oferecem com opções intrépidas. Também hoje não faltam iniciativas semelhantes: os movimentos que começam realmente a partir da novidade do Evangelho e vivem-no com radicalidade no hoje, colocando-se nas mãos de Deus, para servir

---

<sup>44</sup> Cf. 105ª Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola, “Igreja, servidora dos pobres”.

<sup>45</sup> Documento do Capítulo geral da Ordem dos Frades Menores, Assis, Pentecostes 2015.

<sup>46</sup> *idem*

o próximo. O mundo como recordava Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (EN), ouve de bom grado os mestres, quando eles também são testemunhas. Trata-se de uma lição, que nunca pode ser esquecida na obra de difusão do Evangelho: viver primeiro aquilo que se anuncia, ser espelho da caridade divina.<sup>47</sup>

## **2. O desafio da renovação evangélica**

Logo no princípio da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco apela “aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1). Exorta para aplicar com generosidade e valentia, sem medos. Sem dúvida, Francisco não ignora que a renovação evangélica da Igreja que propõe é um verdadeiro desafio. É preciso dar impulso a uma verdadeira renovação evangélica para não continuarmos a viver como expectadores de um estancamento infecundo da Igreja.

A Igreja deve levar sempre Jesus com ela, porque Ele é o centro. É aquele que sempre, com a sua verdade, renova a nossa vida e a nossa comunidade. Jesus Cristo pode romper com os nossos esquemas e surpreender-nos com a sua constante criatividade divina (cf. EG 22). O Papa Bento XVI na Carta Apostólica *Porta Fidei* (PF) diz que “*Caritas Christi urget nos* – o amor de Cristo nos impele (cf. 2Cor 5,14): é o amor de Cristo que enche os nossos corações e nos impele a evangelizar. Hoje, como outrora, Ele envia-nos pelas estradas do mundo para proclamarmos o Seu Evangelho a todos os povos da terra (cf. Mt 28,19). Com o Seu amor, Jesus Cristo atrai a Si as pessoas de cada geração: em todo o tempo, Ele convoca a Igreja, confiando-lhe o anúncio do Evangelho, com um mandato que é sempre novo. Por isso, também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor de uma nova

---

<sup>47</sup> Cf. Bento XVI, *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*, editorial franciscana (Braga: 2010), 9-10.

evangelização, para descobrirmos de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé. Na descoberta diária do Seu amor, ganha força e vigor o compromisso missionário dos crentes, que jamais pode faltar. Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria” (PF 7). Cabe a nós uma permanente conversão, uma conversão radical. Uma conversão radical e decisiva que consiste em voltar a Jesus para enraizar à Igreja com mais verdade e mais fidelidade na sua pessoa, na sua mensagem e no seu projecto humanizador do Reino de Deus. O objetivo do Papa Francisco não tem tanto em vista um *aggiornamento* ou adaptação da Igreja aos tempos de hoje, mas sim, impulsionar uma renovação evangélica da Igreja a ir mais além de uma recuperação do horizonte e das linhas fortes do Vaticano II. Romper os esquemas e recuperar a frescura original do Evangelho significa voltar àquele que é fonte e origem da Igreja, o único que justifica a sua presença no mundo e na história. A única verdade que nos permite viver e caminhar criativamente perante o futuro.<sup>48</sup>

A renovação de que necessita hoje a Igreja exige uma *conversão* mais profunda. Necessitamos de voltar às raízes, ao que é essencial, atualizar hoje de alguma forma aquilo que se viveu com Jesus. É preciso reproduzir hoje o essencial do Evangelho, como algo sempre novo e sempre bom no meio do mundo. O Papa começa a sua exortação com o seguinte convite, de renovar a relação pessoal com Jesus: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia-a-dia sem cessar” (EG 3). Voltar a Jesus não significa identificarmo-nos com uma causa, um ideal, uma missão, uma religião, mas sim deixar-nos seduzir pela Sua pessoa. De facto, faz-nos bem em deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a Sua vida nova (cf. EG 264). Para Francisco, Jesus é Aquele que motiva, sustém e

---

<sup>48</sup> Cf. José Antonio Pagola, *El desafío de la renovación evangélica de la Iglesia*, PPC, (Madrid: 2014): 143-145.

alenta ao evangelizador: “O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário. Se uma pessoa não o descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém” (EG 266).

Por isso, voltar a Jesus significa, mais em concreto, viver uma qualidade nova na nossa relação com Ele. Uma Igreja formada por comunidades de cristãos e cristãs que se relacionam com um Jesus mal conhecido, confessado só de maneira abstrata, um Jesus mudo de que não se escuta nada especial para o mundo de hoje, um Jesus apagado, que não seduz, que não chama nem toca os corações é uma Igreja que corre o risco de ser extinta.<sup>49</sup>

Devemos reconhecer que das formas desvirtuadas do cristianismo possa brotar um autêntico dinamismo evangelizador (cf. EG 94). O Papa ressalta a gravidade da “mundanidade espiritual”, que vem a ser uma “tremenda corrupção com aparência de bem”. “Esconde-se por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja; busca, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (cf. EG 93). Por fora tudo parece correto, mas se esta mundanidade, em suas diferentes formas “invadissem a Igreja, seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral”.

O Papa denuncia também diversas formas pouco sãs de espiritualidade que procuram encontrar na religião “uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio” (EG 89). E adverte que temos de estar atentos a “várias formas de espiritualidade do bem-estar sem comunidade, por uma teologia da prosperidade sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista” (EG 90). Francisco fala ainda de estilos de vida que obstaculizam

---

<sup>49</sup> Cf. *Ibidem*: 146-147.

a renovação evangélica. Denuncia, sobretudo, “um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal”, que consiste em “agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (cf. EG 80).

No início da exortação apostólica, o Papa Francisco afirma que o verdadeiro motor da renovação que deseja levar adiante na Igreja é voltar à fonte e recuperar a frescura original do Evangelho, nestas palavras: “Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG 11). Como recuperar, então, esse “frescor original do evangelho” de que fala o Papa Francisco? Ele insiste que a missão deve partir do “coração do Evangelho”. Quando se assume a missão e o estilo missionário em toda a sua verdade e profundidade, “o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiante” (EG 35). O maior problema ocorre quando “a mensagem que anunciamos parece, então, identificada com tais aspetos secundários, que, apesar de serem relevantes, por si sozinhos não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo” (EG 34). É preocupante, a pregação só em volta das doutrinas que não estão diretamente ligadas ao núcleo do Evangelho, porque “uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir” (EG 35). O maior perigo é “quando não estamos propriamente a anunciar o Evangelho, mas a acentuar algumas teses doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter o *perfume do Evangelho*” (EG 39).

É urgentemente precisa uma mudança profunda de atitude eclesial e uma reforma de estruturas, segundo José Antonio Pagola. Eis o que este aponta como tarefas urgentes:

- *Recuperar o projeto humanizador do reino de Deus.* A Igreja não é o aspeto central e o absoluto. O primeiro é o Reino de Deus. O eclesiocentrismo é um dos desvios mais graves que se introduz subtilmente na história do cristianismo. “A Igreja não é ela mesma o seu próprio fim, mas está orientada para o Reino de Deus, do qual é gérmen, sinal e instrumento” (*Redemptoris Missio* 18). O Papa Francisco proclama: “O projeto de Jesus é instaurar o Reino de Deus” (EG 180) e não quer “uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49). O cristianismo nasce do Espírito de Jesus para abrir caminhos ao Reino de Deus construindo um mundo mais justo e fraterno. Como diz Papa Francisco: “a proposta é o Reino de Deus ... Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG 180). Temos de recuperar a centralidade do Reino de Deus na Igreja e refundar nossas paróquias e comunidades de maneira nova, no horizonte do Reino de Deus. O Reino de Deus não é só uma construção religiosa. Devemos dar espaço a uma Igreja mais evangélica ao serviço do mundo mais humano.

- *Reavivar o espírito profético do movimento de Jesus.* Como seguidores de Jesus Cristo não podemos viver sem espírito profético. O nosso problema não é tanto a escassez das vocações para o serviço presbiteral, mas sim, o esquecimento e a resignação a viver sem o espírito profético. Porque do Espírito profético de Jesus nasceu uma comunidade profética. Diz o Papa na sua Exortação apostólica: “O Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia, em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo em contracorrente” (EG 259). Devemos recuperar os rasgos fundamentais do Profeta Jesus: a sua presença no meio da sociedade, a sua indignação perante um mundo injusto, a sua criatividade geradora de esperança. Não podemos continuar a caminhar rumo ao futuro tão cegos aos sinais dos tempos

nem viver tão fechados à novidade do Evangelho. A renovação que necessita a Igreja não virá só por via de reformas institucionais, mas sim, por caminhos abertos por comunidades proféticas.

- *Pôr a compaixão no centro da Igreja.* Recuperar a compaixão é urgente. Jesus nos adverte: “Sede compassivos como vosso Pai é compassivo” (Lc 6,36). O Deus que se encarna em Jesus não é Deus da lei e da ordem, o Deus de Sábado e dos sacrifícios. É o Deus da compaixão. É preciso resgatar a compaixão de uma concepção excessivamente sentimental e moralizante que tem desvirtuado muito, para convertê-la em grande princípio de atuação da Igreja em todos os níveis.

- *Sair às periferias existenciais.* O Papa Francisco convida-nos a passar de uma Igreja centralizada na sua autoconservação a uma Igreja concentrada na sua missão evangelizadora. A sair da própria “comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho” (EG 20). O Papa Francisco fala com frequência de chegar às “periferias existenciais”, isto é, aos pobres, “aos que têm fome e sede”, aos doentes, aos sem-abrigo, aos marginalizados que só ocupam as periferias do nosso coração. “Fiel ao modelo do Mestre, é vital que a Igreja saia hoje para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo” (EG 23). E com mais insistência: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG 49).<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*: 156-160.

## CONCLUSÃO

A *Evangelii Gaudium* é uma Exortação apostólica com temas muito sugestivas para elaborar vários trabalhos de pontos de vista diferentes. A dificuldade encontrada neste trabalho é a sua bibliografia; é muito escassa a bibliografia ou mesmo uma notável ausência o trabalho que debruça sobre o tema desde o Concílio Vaticano II. Com o Papa Francisco, o tema volta a ser colocado, refletido, desafiado à Igreja universal não só no campo das vivências mas no pensar, daí o tema *Evangelii Gaudium* como desafio ao pensamento cristão e franciscano. A pobreza, este mistério tão cristão e tão cheio da pobreza-humildade de Deus, que constitui toda a vocação franciscana, foi-se deixando, paulatinamente, ao longo do tempo, descobrir e aprender. As nossas raízes bíblicas, num longo percurso da graça e da luz crescente, levam-nos a perceber o que é ser pobre. A pobreza é entendida, na Antiga Aliança, como uma disposição do coração e como o caminho privilegiado para Deus. Ela torna-se mais evidente com a mensagem evangélica da Boa Nova dirigida aos pobres. Jesus apresenta aos seus discípulos a pobreza como uma felicidade: “Bem-aventurados os pobres...” A beatitude da pobreza é a realização da longa ascensão espiritual dos pobres, no Antigo Testamento. E toda a vida cristã esclarece-se no espelho da pobreza de Cristo.

O desafio permanente da evangelização radica em descobrir sempre de novo o centro e o fundamento de identidade da fé cristã e em entender e fazer dialogicamente compreensível, a partir da sua raiz, a confissão de fé em Deus como amor. Para isso, a Igreja precisa não só de teólogos que trabalhem conscienciosa e cientificamente, mas também de pastores de almas cuja pastoral esteja aberta aos tempos e orientada para a missão, assim como de cristãos que vivam a sua fé em comunidade eclesial viva. Deste modo, a Igreja poderá tornar-se esse espaço onde todas as pessoas que se abrem à pergunta sobre Deus terão a possibilidade de encontrar o Deus vivo do amor e da vida.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes e instrumentos de apoio

BIBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica. Lisboa/Fátima: 2009.

COMMUNIO (Revista Internacional Católica) XXXII, *Uma Igreja pobre e para o pobre*, 2015.

Documento do Capítulo geral da Ordem dos Frades Menores, *Até às periferias com a Alegria do Evangelho*. Roma: 2015.

FRANCISCO DE ASSIS. Fontes Franciscanas I. *Escritos-Biografias-Documentos*. Braga: Editorial Franciscana, 2005.

FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Lisboa: Paulus 2013.

### Geral

105ª Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola, “Igreja, servidora dos pobres”.

ANDRADE, M. Filomena. “Francisco um louco em Cristo e a santa pobreza”, *Communio* XXXII (2015/2): 153-164.

BARNOSEL, Joan Planellas, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 181-196.

BENTO XVI. *Os Mestres – Franciscanos e Dominicanos*. Braga: Editorial Franciscana 2010.

BERNABÉ, José Luis Segovia. *Evangelii Gaudium: Desafios desde la crisis*. Madrid: PPC, 2014.

BISSONNETTE, Claire. *Privilégio da Pobreza, estudo e reflexão* (Tradução, notas, bibliografia e organização – Maria Manuela Brito Martins). Porto: ed. Centro de Estudos Franciscanos.

BOULNOIS, Olivier. “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 165-179.

CADIÑANOS, Fernando García, “Evangelii Gaudium: Una iglesia pobre y para los pobres”, *Salmaticensis* 61 (2014): 474-480.

COULANGE, Pierre. “Deus tem o privilégio de ver os pobres”, *Communio* XXXII (2015/2): 197-206.

DAS NEVES, João César. “Economia e Pobreza”, *Cenáculo*, 2ª série, 50, 197 (2011): 23-50.

DE LORA, Cecilio, “Del Concilio a Medellín, hoy”, *Mutirão de Revistas Latino-Americanas*, vol. 9, n. 24 (2011): 1233-1245.

DELHAYE, Philippe– Guerret, Michel – Tombeur, Paul, *Concilium Vaticanum II. Concordance, Index, Lists de fréquence, Tables comparatives*, Louvain: Université Catholique de Louvain 1974; cf. Ángel Torres Calvo, *Pobres*, in: ID, *Diccionario de los textos conciliares. Vaticano II, t. II*, Madrid: Compañía Bibliográfica Española 1968, 1519-1522. (in Barnosel, Joan Planellas, “A Igreja dos Pobres – Do Vaticano II ao Papa Francisco”, *Communio* XXXII (2015/2): 181-196).

DUPONT, Jacques, *A Igreja e a Pobreza. A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis, Rio de Janeiro: ed. Vozes 1965.

DUPONT, Jacques. *Les Béatitudes, II*: 19-34.

FABRIS, Rinaldo. *La opción por los pobres*. Estella, Navarra: ed. Verbo Divino, 1992.

FERRARA, Pasquale. “The Concept of Periphery in Pope Francis’ Discourse: A Religious Alternative to Globalization?” *Religions*, 6 (2015): 42-57.

FRANCISCO. *Discurso aos participantes no Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores*. Vaticano: 26 de Maio de 2015.

JÚNIOR, Francisco de Aquino, “Uma Igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico-pastoral”, *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, v. 8, n. 3 (2016): 631-657.

KASPER, Walter. *Jesús, El Cristo*. Salamanca: ed. Sigueme, 1978.

MADEC, G. “Le communisme spirituel”, *Homo spiritualis*, Würzburg 1987: 225-239, retomado em *Petites études augustiniennes*, Paris: Institut des Etudes Augustiniennes 1994: 216-231. (in Boulnois, Olivier. “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 165-179).

Mensagem do Santo Padre Francisco para o 1º Dia Mundial dos Pobres (19 de Novembro de 2017), dado em Vaticano, 13 de Junho de 2017.

PAGOLA, José Antonio. *El desafío de la renovación evangélica de la Iglesia*. Madrid: PPC, 2014.

SALA, Ramon, *El mundo por los pobres. El legado de la constitución Gaudium et Spes*, in: Isaac Gonzáles Marcos (ed.), Concilio Vaticano II. 40 años después, 153-189.

SANTO AGOSTINHO. *Cidades de Deus* V 18, 2. (in Boulnois, Olivier. “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 165-179).

SANTO AGOSTINHO. *O Génesis no sentido literal* IX 15, 19. (in Boulnois, Olivier. “A mais alta pobreza – A experiência franciscana, desafio para o pensamento?”, *Communio* XXXII (2015/2): 165-179).

SILVA, Sergio. “La Exhortación Apostólica del Papa Francisco como desafío a los teólogos”, *Teología y Vida*, 55/3 (2014): 549-570.

SUESS, Paulo. “Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco”, *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, v. 8, n. 3 (2016): 659-671.

SVIDERCOSCHI, Gian Franco, *Historia del Concilio*. Col. Diálogos sobre el concilio. Vol. 6. Madrid: ed. Cocusa.

VAUCHEZ, André. *Francisco de Assis. Entre História e Memória*. Lisboa: Ins. Piaget 2013.

ZUNDEL, Maurice. *Silence, Parole de Vie*. Québec-Canada: Ed. Anne Sigier, 1992.